

OPERADORES ASPECTUAIS E INTERPRETAÇÃO DO PREDICADO*

Almir Almeida de Oliveira*

A
R
T
I
G
O

Resumo: O objeto de reflexão deste artigo é o predicado que autoriza uma interpretação temporal de futuro por intermédio de adjuntos adverbiais de tempo, que atuam como Operadores Aspectuais, mesmo com verbos no presente. Adotamos os pressupostos teóricos do gerativismo sob uma interface sintático-semântica do léxico para analisar os contextos estruturais em que as sentenças com tempo verbal no presente permitem uma interpretação aspectual em função do futuro. Utilizamos o método hipotético-dedutivo, a partir de dados de introspecção, para evidenciar que essa leitura aspectual do predicado é possível dependendo do tipo de verbo. Dessa forma, é realizada uma análise estrutural a partir de um esquema de léxico que busca não só explicar como cada elemento da sentença se comporta a fim de autorizar a interpretação do predicado, como também mostrar por que em algumas sentenças essa leitura aspectual não é permitida.

* Universidade Federal de Alagoas

Palavras-chave: Operadores Aspectuais; Semântica; Sintaxe.

Introdução

Buscamos, neste artigo, refletir sobre o Léxico Gerativo a partir de Rostejovsky (1998) e explicar como o princípio de composicionalidade possibilita que elementos externos ao verbo possam,

de modo a conferir compreensão e evitar a construção agramatical de sentenças.

Assumindo o compromisso de analisarmos a realização desse fenômeno, propomos um modelo de estrutura lexical do PB que evidencia essas relações internas de cada item

Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado com o mesmo título defendida em 2012.



lexical para a autorização, em determinadas situações, de uma leitura aspectual de futuro, mesmo contendo verbos no presente.

Por isso, inicialmente apresentaremos as orientações

A estrutura do léxico gerativo

Diante de uma exclusão dos sentidos do léxico numa teoria gerativa, Pustejovsky (1998) propõe que o léxico deve ser um conjunto de sentidos de palavras estruturado e usado para gerar um conjunto maior de sentidos. Através do princípio de co-composicionalidade, a partir do qual cada um dos segmentos lexicais da sentença se coaduna com os demais para garantir a atribuição de significação, de modo que os itens lexicais devem se combinar entre si, formando frases e sintagmas. Assim é descrita a teoria do Léxico Gerativo.

Através desse princípio de co-composicionalidade, é possível explicar a possibilidade que as palavras têm de assumir sentidos diferentes em contextos diversos. Os sentidos das palavras não têm uma definição atômica, mas se compõem de sentidos sinonímicos às outras palavras e fazem

teóricas do léxico gerativo para, em seguida, nos determos à análise das construções, em PB, de sentenças com verbo no presente, mas com leitura aspectual de futuro.

referência a outros sentidos que essas palavras possam ter.

Pustejovsky (1998), dessa forma, considera o Léxico Gerativo como um conjunto computacional que comporta quatro níveis de representação básicos: Estrutura argumental, Estrutura de evento, Estrutura *Qualia* e Estrutura de Interação Lexical, na qual as três estruturas anteriores se encontram para, a partir do princípio de co-composicionalidade, autorizaram as interpretações semânticas.

Todas essas estruturas em interação autorizam a interpretação dos itens lexicais no contexto. Dessa forma, os vários sentidos se regularizam em termos de entrada no léxico, possibilitando a interpretação como derivada de um paradigma léxico-conceitual.

Ao analisar a inserção semântica do léxico na teoria de Pustejovsky, Farias (2005, p. 228) faz algumas observações sobre a eminência composicional do léxico:





Por ser sua Semântica lexical, eminentemente composicional, por isso mesmo as palavras não têm um sentido atômico, no âmbito dessa perspectiva, a atenção não é dada aos papéis temáticos apenas licenciados pelo verbo, mas sim pela combinação deste com outros núcleos predicadores na sentença, de modo que possam ser explicados os processos gerativos de sentidos pela aplicação do princípio de composicionalidade e agrupados em famílias como a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e herança lexical, a metonímia, o acarretamento e a pressuposição.

Essas estruturas lexicais de Pustejovsky (1998) têm sido ricamente utilizadas dentro da linguística computacional para tentar resolver os problemas formais de polissemia e metonímia (FERRAZ, 2013), os processos de construções metafóricas (SONG & ZHAO, 2013) ambiguidades, inconsistências e imprecisões, bem como dar uma plausível explicação para os processos criativos que inserem neologismos às línguas (ZAVAGLIA & ALMEIDA, 2010).

De modo geral, as principais discussões sobre os processos semânticos do léxico gerativo têm se utilizado, ao menos em parte, das contribuições formais de Pustejovsky

(1998) ou de suas reformulações em Pustejovsky (2013).

Essa discussão sobre os processos semânticos do léxico contribui bastante para a análise de nosso problema acerca das sentenças portadoras de verbos no presente, mas com Operadores Aspectuais que permitem uma leitura de tempo futuro, uma vez que descreve a noção de co-composicionalidade, a qual prevê que elementos dentro de uma numeração podem gerar sentidos não lexicalizados para os itens participantes dessa composição, envolvendo, assim, atribuições semânticas subespecificadas de acordo com o contexto. É o que nos possibilita uma explicação para o fato de algumas sentenças, mesmo estando com o verbo conjugado no presente, admitirem uma leitura de futuro devido à interferência de um adjunto. Ou seja, há uma co-especificação dos termos a partir da composição dos itens para a numeração.

A Estrutura argumental

Trazemos, portanto, a noção de Léxico Gerativo para explicarmos as relações internas dos itens lexicais na Estrutura Argumental, conforme podemos ver:



I will assume that the semantics of a lexical item a can be defined as a structure, consisting of the following four components:

(1) $a = \langle A, \mathcal{E}, Q, I \rangle$

Where A is the argument structure, \mathcal{E} is the specification of the event type, Q provides the binding of these two parameters in the qualia structure, and I is an embedding transformation, placing a within a type lattice, determining what information is inheritable from the global lexical structure. (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 62).

A Estrutura Argumental divide-se em quatro tipos de argumentos para todas as categorias sintáticas:

Argumentos verdadeiros:

realiza os parâmetros de itens lexicais sintaticamente, como a relação sujeito e objeto. Esse domínio semântico é geralmente conhecido a partir de seu critério temático que poderá classificá-lo por ser ou não animado, ser ou não ser humano:

1) O João comprou um carro.

No exemplo acima, os verdadeiros argumentos ficam por conta do sujeito (Arg₁) que é humano e do objeto (Arg₂) que é não-animado. Neste caso, trata-se de um *objeto* físico que pode ser comprado.

Argumentos Default:

parâmetros que participam da lógica

de expressão, mas que não são necessariamente expressos sintaticamente, como predicado e complementos nominais. Eles vão tratar da especificidade do Arg₂, quanto a sua natureza, que pode ser de posse, de matéria, de localização, etc.:

2) João é vendedor de livros.

Neste caso, percebe-se que o argumento *default* especifica a natureza de matéria do verdadeiro argumento.

Argumentos

Sombra:

parâmetros que estão semanticamente incorporados no item lexical. Podem ser expressos por subtipos de operação como os adjuntos adnominais:

3) João pintou a parede nova.

Adjuntos

Verdadeiros:

parâmetros que modificam a expressão lógica, mas são partes da interpretação situacional. Adjuntos adverbiais:

4) Maria deixou São Paulo, na terça-feira.

Ao trazer a noção de Adjuntos Verdadeiros, Pustejovsky (1998) os define como parâmetros que modificam a expressão lógica a partir da situação interpretativa, pois não têm nenhuma representação particular na semântica do item





lexical. Dessa forma, os Operadores Aspectuais podem ser contemplados pela teoria do Léxico Gerativo, em sua função adjuntiva.

Os Adjuntos Verdadeiros se correlacionam com os demais itens lexicais da sentença através da co-composição, concordância, seleção e coerção, conforme podemos verificar:

The view within a generative lexicon is different. The qualia provide the structural template over which semantic transformations may apply to alter the denotation of a lexical item or phrase. These transformations are the generative devices such as type coercion, selective binding, and co-composition, which formally map the

expression to a new meaning. (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 86).

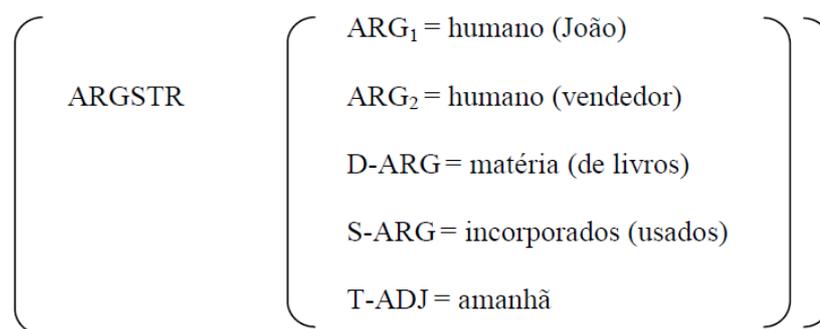
Em outras palavras, o léxico deve ser composto de um conjunto central de sentidos de palavras, estruturados e usados para gerar um conjunto maior de sentidos de palavras combinando-se entre si, pela aplicação do princípio de composicionalidade.

A estrutura do argumento, em seus quatro níveis, pode ser explicada a partir do esquema apresentado, no qual tentamos mostrar como se relacionam dentro da sentença os diversos elementos, dividindo entre si traços argumentais.

5)

a) João visita o vendedor de livros usados amanhã.

b)



Esquema 1 - Estrutura de argumento.

Assim, nós podemos observar argumentos que compõem a organização estrutural dos sentença. O ARG₁ se refere ao



argumento principal, o sujeito da oração, que neste caso será humano – João. O ARG₂, conseqüentemente, se refere ao argumento interno, o vendedor, que também é humano. De outro lado, o argumento *default* D-ARG₁ deve especificar a natureza do argumento interno, que neste caso será *de livros*. O argumento sombra, por sua vez, especifica um subtipo de argumentos como *usados*. Por último, os adjuntos verdadeiros modificam a interpretação lógica da sentença ao localizar o evento temporalmente em uma ação futura, mesmo estando o verbo *visitar* flexionado no presente do indicativo, pois o João só deve visitar o vendedor de livros usados amanhã.

Isso nos mostra a forma como os adjuntos e os demais itens lexicais se co-compõem determinando as possibilidades de concordância desses itens na sentença e autorizando ou não uma leitura aspectual do predicado.

Estrutura de evento

Pustejovsky (1998) defende uma estrutura de evento que seja representada em uma estrutura de

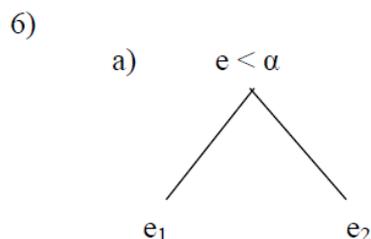
subeventos dividida em PROCESSO, ESTADO E TRANSIÇÃO, na qual um destes é o evento principal, o que implica caracterizar o evento do predicado, seja ele lexical ou sentencial.

Desse modo, a estrutura de eventos se compõem de três tipos de eventos:

- Estados: um evento único que é avaliado sem referência a nenhum outro evento, por exemplo, amar;
- Processos: uma sequência de eventos que identifica a mesma expressão semântica, por exemplo, correr;
- Transições: um evento, identificando uma expressão semântica, avaliado em relação a sua oposição; ex. fechar. (MORAES, 2002, p. 02).

Pustejovsky assume que “we interpret an “extended event structure” as a tuple, $\langle E, \leq, <, \circ, \odot, * \rangle$, where E is a set of events, \leq is a partial order of part of, $<$ is a strict partial order, \circ is overlap, \odot is inclusion, and $*$ designates the “head” of an event.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 68). Uma estrutura de eventos com subeventos estruturados pode ser observada assim:



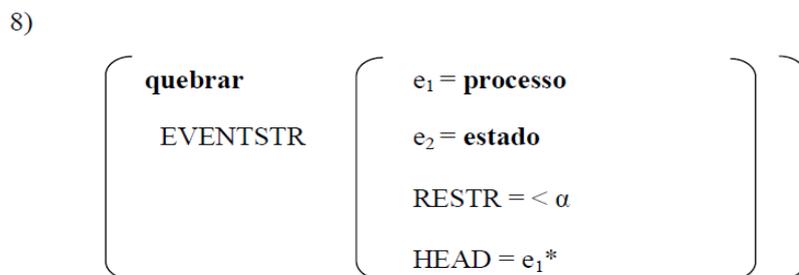


Esquema 2 - Estrutura de evento.

Diante dessa estrutura, uma ordenados temporalmente, de modo sistematização dos subeventos pode ser que o primeiro precede o segundo. Essa configurada: **< α - *exhaustive ordered part of*** estrutura permite a alternância *inchoative/causative* em suas frases, estrutura constituída de dois bem como uma alternância (talvez subeventos, e_1 e e_2 , sendo que estes metonímica) entre material e produto:

- 7)
- a) João quebrou a janela com a bola.
 - b) A janela quebrou.
 - c) Maria esculpiu a boneca na madeira.
 - d) Maria esculpiu a madeira em boneca.

É possível observar a e_2 , o primeiro indicando um processo, representação léxico-semântica do e o segundo um estado, satisfazendo verbo *quebrar* em sua estrutura de assim a ordenação da restrição citada evento como um item lexical que tem acima. Podemos observar essa um evento e , com subeventos, e_1 e estrutura de tal forma:



Esquema 3 - Estrutura de evento do verbo quebrar.



O esquema acima tenta ilustrar a estrutura de eventos do verbo quebrar. É observável como este verbo pode, dependendo da entrada de demais itens lexicais na numeração, assumir os possíveis eventos de processo ou estado. Foi o que aconteceu com (7a), que evidencia o processo de quebra da janela por parte de João. Já na sentença seguinte (7b), o evento focalizado é o estado, permanecendo em destaque não o processo pelo qual a janela se quebrou, mas o estado em que ela está: quebrada.

No entanto, mesmo que o evento esteja focalizado no estado final – *quebrada* – este é resultado de um processo anterior que será configurado $\langle \alpha$ - **exhaustive ordered part of**, que, no esquema acima, restringe a leitura, uma vez que e_2 sucederá temporalmente e_1 . Assim, o símbolo $\langle \alpha$ representa essa sucessão temporal de evento em relação um ao outro. O HEAD, por outro lado, remete ao núcleo contextual do evento, destaca qual dos eventos possíveis está em uso naquele momento, e evita que caiamos em um campo minado de significações. Ou seja, mesmo que um léxico possua mais de

algum traço de evento, o HEAD, a partir de *, selecionará aquele que está em uso.

Partindo dessa análise, Pustejovsky postula a ideia de que *event headedness* “provides a way of indicating a type of foregrounding and backgrounding of event arguments. An event structure provides a configuration where events are not only ordered by temporal precedence, but also by relative prominence.” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 72).

Uma sistematização dos subeventos também pode ser configurada como $\circ \alpha$ - **exhaustive overlap part of**, na qual um evento e tem em sua estrutura ordenada dois subeventos, e_1 e e_2 , ocorrendo simultaneamente. Verbos do tipo *falar* incluem essa descrição, pois admitem dois eventos simultâneos.

Devido as suas marcas de referência, o evento é aspectualmente não específico, e assume interpretações télicas ou atélicas¹, dependendo do contexto:

¹ Compreendemos telicidade aqui como a especificação resultativa de uma ação exercida.





9)

a) O João precisa falar com você depois. (interpretação télica).

b) Quando eu passei na rua, a Maria falou comigo. (interpretação atélica).

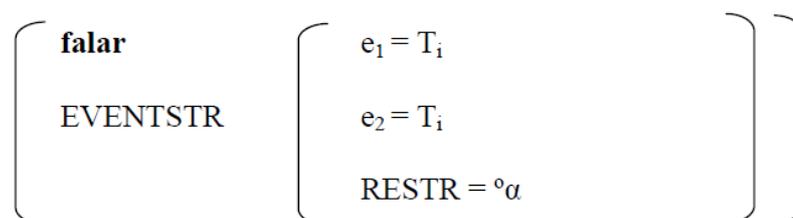
Interessante observar o resultado final proveniente da ação de falar em (9). Na primeira sentença, podemos perceber que há algo específico que o João precisa falar, um assunto pré-determinado, algo que será resultado da ação de falar. Em (9b), ao contrário, temos a interpretação do falar apenas como cumprimentar, sem haver necessariamente uma conversa específica que resulte dessa ação.

No entanto, não podemos dizer que uma ação preceda ou suceda a outra, o fato de as interpretações

podem ser télicas ou atélicas não interfere na ordem em que as ações acontecem. Na verdade, não há uma subdivisão do tempo na realização semântica das sentenças de (9). O fato de João *falar* não precede nem sucede nenhuma ação, por isso, podemos dizer que são ações simultâneas porque elas acontecem simultaneamente com a enunciação, embora possa daí resultar uma interpretação com um fim específico ou não.

Essa ideia pode melhor ser visualizada no esquema:

10)



Esquema 4 - Estrutura de evento do verbo falar.

Observemos que os eventos e_1 e e_2 foram representados por T_i , que representa a Transição de eventos. Neste caso, nenhum antecipa ou

sucede o outro, eles se realizam simultaneamente, independente de telicidade. É o que acontece de forma semelhante com as sentenças:



11)

a) Amanhã, a Maria *celebra a vinda do João*.

b) Amanhã, o padre *celebra a missa*.

Independente do resultado semântico do verbo *celebrar* em ambas as frases, a interpretação aspectual é aceita, não havendo problemas com a gramaticalidade de nenhuma dessas sentenças. Em (11a) a relação entre verbo e demais elementos do predicado restringe a possibilidade aspectual para uma leitura atélica, pois não há uma especificação resultativa para a ação do verbo *celebrar*.

Por outro lado, em (11b) o mesmo verbo *celebrar* permite uma leitura aspectual télica ao aceitar um argumento interno *missa*, que é o resultado final de sua ação. Ou seja, o mesmo verbo pode receber interpretações polissêmicas dependendo da relação existente entre si e os demais itens do predicado.

Ponto também interessante a ser observado, nesses exemplos, é que em nenhuma das leituras há precedência ou sucessão da ação, havendo apenas uma transição de eventos, uma vez que processo e estado realizam-se simultaneamente.

Da mesma forma, independente do evento, a leitura aspectual foi autorizada.

Por outro lado, a $\langle^{\circ}\alpha$ - ***exhaustive ordered overlap*** realiza um evento contendo dois subeventos, e_1 e e_2 , enquanto e_1 inicia-se antes de e_2 . Incluem os verbos de movimento do tipo *correr, caminhar, chutar*, que exigem o movimento das pernas antes do corpo inteiro.

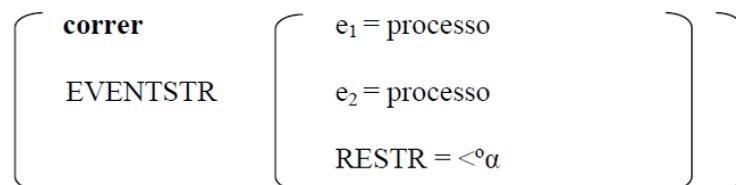
Nós podemos observar que devido a essa relação de ordem parcial, existe um tipo de relação causativa entre os subeventos, em que estes são processados e estruturados em sobreposição completa, isto é, o movimento das pernas proporciona o movimento final do corpo. E, mesmo dessa forma, a leitura aspectual a partir desses verbos é possível. Sentenças como *João corre amanhã* ou *João caminha amanhã* são interpretáveis naturalmente no PB e não produzem problemas de gramaticalidade.

A realização estrutural desses verbos pode ser vista na ilustração:





12)



Esquema 5 - Estrutura de evento do verbo correr.

Vejamos que ambos os eventos são processos, não há aqui um estado. Tal qual foi falado anteriormente, uma ação precede a outra. No caso do verbo correr, o evento e_1 representa o processo de movimento das pernas que antecede a ação de correr, que é representada por e_2 . Ou seja, a realização do evento em verbos como *correr* se dá no processo e sua interpretação depende dessa relação parcial entre anterior e posterior ao movimento das pernas.

Estrutura *Qualia*

O nível de representação lexical Estrutura *Qualia* diz respeito à força relacional de um item lexical na representação semântica.

We can view the semantics of the verbs as being centrally defined by the Qualia, but constrained by type information from the two parameters lists. The predicates in lists directly to the parameters: [QUALIA = [... [Qi [PRED (EVENT), ARGk] ...] (Op. Cit. p. 70).

Essa estrutura visa a explicar as relações de sentido da entrada lexical que especifica quatro aspectos essenciais do significado (ou *quale*) de um item:

- **Quale formal:** está estritamente ligado aos argumentos do item lexical. Podemos, normalmente, afirmar que são os argumentos que limitam os significados do *quale* formal, distinguindo-o de um campo maior. O *quale* formal é responsável pela representação semântica do item lexical quanto à orientação, magnitude, forma, dimensão, cor e posição;

- **Quale agentivo:** refere-se a sua origem interior. Corresponde à semântica dos artefatos, da origem, do criador, tipo natural, cadeia causal, etc.;

- **Quale constitutivo:** aborda as partes constitutivas de um todo, como, por exemplo, a relação de uma



mão para o corpo. Refere-se ao material, peso e partes de elementos que compõem o objeto;

• **Quale télico**: especifica a função exercida, objetivo. Aponta a função da construção, almejando algo a partir de determinadas atividades.

Dessa forma, a partir da Estrutura *Qualia*, a abertura denotativa que permite a polissemia possibilita diversas interpretações contextuais de um mesmo item lexical, fazendo-se assim a distinção entre o objeto físico e sua abertura (possibilidades de leitura). É importante notarmos que qualquer

item ou expressão linguística tem informação na Estrutura *Qualia*, mas não precisamente nos quatro *quales* listados.

Desse modo pressupõe-se que o léxico gerativo provenha composicionalmente de uma representação semântica uniforme de todos os elementos da sentença, uma vez que os *quales* podem ser aplicados ou especificados semanticamente de acordo com as relações estabelecidas entre os itens lexicais dentro da numeração. Se observarmos as construções:

13)

- a) Maria quebrou a tevê.
- b) Maria trabalha na tevê.

Percebemos a denotação dos dois nomes. Em cada um dos usos, o termo *tevê* expressa um diferente sentido. Em (13a) trata-se de um objeto, em (13b) de um local, ambiente de trabalho. A habilidade de um léxico representar múltiplos sentidos é referida como Paradigma do Léxico Conceitual (*Lexical Conceptual Paradigm - lcp*). A noção de *lcp* nos permite intuir que há algo inerente à semântica de um nome que

o habilita a projetar sentidos diferentes em contextos diferentes.

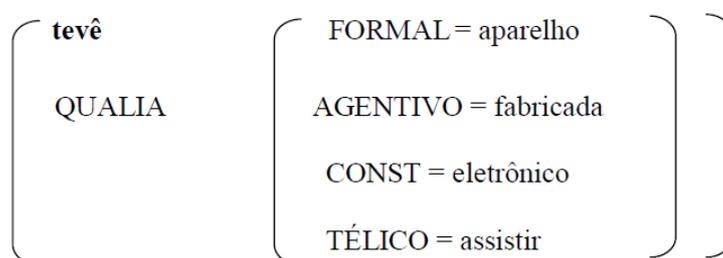
O *quale* formal da palavra *tevê*, neste contexto, distingue-o de outras significações possíveis, entre elas a assumida em (13b), uma vez que limita a interpretação a um aparelho eletrônico doméstico e não a um local. Referindo-se a sua origem, o *quale* agentivo evidencia a natureza da produção industrial que o aparelho de *tevê* tem; dessa forma, também restringindo sua significação dentro de





um campo semântico maior. O *quale* constitutivo aborda as partes constitutivas de um todo, revela as partes eletrônicas que compõem materialmente o aparelho. E, finalmente, o *quale* tético especifica a utilidade exercida pelo objeto: através da tevê é possível se assistir a imagens transmitidas por uma central transmissora. Se considerarmos os sentidos de tevê tomados em (13a), podemos representar a estrutura *Qualia* no esquema abaixo:

14)

Esquema 6 - Estrutura *Qualia* de (o aparelho) tevê

Assim, podemos descrever o modo como a estrutura *Qualia* limita as possibilidades de leitura contextual, dependendo da co-composição realizada com os demais itens presentes na sentença. Por isso, (14) não tem como única representação a utilização semântica de tevê em sentenças como (13a), uma vez que em (13b), quando temos a mesma palavra, a sua significação é completamente diferente.

Cada elemento linguístico de qualquer língua expressa alguma estrutura *Qualia*, porém, temos que nos ater ao fato de que nem todos os

itens lexicais carregam um valor nessa estrutura.

The first point is important for how a generative lexicon provides a uniform semantic representation compositionally from all elements of a phrase. This view of quale structure is a natural extension of the original applications where quale for verbal representations were not discussed. The second point allows us to view quale as applicable or specifiable relative to particular semantic classes. (Op. Cit. p. 77).

Assim, nem todos os elementos do léxico do PB possuirão traços nas estruturas Formal,



Agentiva, Télica ou Constitutiva, embora tenham que possuir traços em alguma(s) delas. Se considerarmos, por exemplo, os sentidos da palavra *tevé* na sentença *Maria trabalha na* *tevé*, a estrutura *Qualia* será claramente diferente da exposta em (14). Vejamos:

15)



Esquema 7 - Estrutura *Qualia* de *tevé* (espaço físico).

Os componentes representacionais que ficam evidentes ao tomarmos o item *tevé* como local de trabalho e não como objeto são o *quale* agentivo, que a distingue de um campo maior de representação, mostrando-a como um local, e o formal télico que traz a sua finalidade natural de trabalhar.

Dessa forma, pudemos perceber como funciona a estrutura *quale* restringindo as possíveis leituras de um elemento lexical a partir das relações contextuais e como se dá a significação semântica, mesmo com elementos que aparentemente possuem mais de um sentido, autorizando, dessa forma, a noção de co-composicionalidade.

A co-composicionalidade

A co-composicionalidade visa a implementar, numa estrutura aparentemente polissêmica, contextual

ou aspectual, a aplicação de mais de uma função argumentativa de forma que os verbos também possam tornar-se argumentos de seus próprios complementos, alterando-se, assim, o tipo de evento do verbo, o que autoriza a criação de diferentes significados para o verbo pelos diferentes tipos de complementos. “*Briefly, co-composition describes a structure which allows, superficially, more than one function application.*”(PUSTEJOVSKY, 1998, 122).

A co-composição descreve a estrutura a qual permite as realizações funcionais. Consideremos a sentença: *João usou a faca nova no bife*. Sabemos que faca é um instrumento que permite cortar. Então, deduzimos que João cortou o bife. Se usarmos qualquer outro termo, a significação muda, como *João usou a caneta nova no bife*.





O mesmo acontece com as sentenças portadoras de verbos no presente que, devido à ação de um advérbio de tempo, permitem a leitura aspectual de futuro à sentença, como em *Eu vejo você amanhã*. Mesmo que o verbo VER esteja conjugado no presente, como *amanhã* é advérbio que possui a ideia de um momento ainda não realizado, nos é permitida tal leitura. Não apenas permitida, mas necessária, uma vez que seria equívoco assumir tal sentença como estando no presente.

Podemos, desse modo, acreditar que a leitura aspectual de

sentenças com verbos no presente, mas com Operador Aspectual de futuro, é compreendida através desse processo polissêmico dos itens lexicais, podendo, de acordo com o contexto de produção, possuir informações em quaisquer desses aspectos da *Qualia*, através da co-composição.

O que acontece com os Operadores Aspectuais e os itens do predicado para assumirem uma leitura aspectual é uma co-composição desses elementos entre si, gerando um conjunto maior de sentidos.

Quando nos deparamos com sentenças do tipo:

16)

- a) Eu o chamo amanhã.
- b) João compra um carro na próxima semana.
- c) *Eu simpatizo com você daqui um mês.
- d) *Eu te odeio amanhã.

Indagamo-nos sobre o porquê das sentenças (16a) e (16b) serem gramaticais em PB e (16c) e (16d) não o serem. A leitura aspectual necessita de uma co-composição por parte dos elementos do predicado, pois em (16a) podemos afirmar que o verbo *chamar* e o advérbio *amanhã* se co-especificam, permitindo uma leitura aspectual e não havendo qualquer problema de interpretação. O mesmo

que acontece com (16b), pois a locução adverbial *próxima semana* se co-especifica com o verbo *comprar*, nos direcionando para uma única leitura possível, a de uma ação no tempo futuro, mesmo que o verbo esteja no presente.

Por outro lado, nos exemplos (16c) e (16d) não há uma co-especificação por parte dos elementos envolvidos na numeração. Podemos



dizer que os verbos *simpatizar* e *odiar*, assim como outros verbos, não admitem esse compartilhamento de traços semânticos com o Operador Aspectual, impossibilitando, desta forma, uma leitura aspectual em função do futuro.

Concordando com Pustejovsky (1998), a significação semântica não está isolada na palavra, mas na relação que esta pode estabelecer entre os termos do léxico que ao se combinarem, autorizam distintas leituras. Se considerarmos as sentenças *João alugou a casa para meu primo* e *Depois que alugou a casa, João se mudou para lá*, fica evidente a dupla significação do verbo *alugar*, ceder em locação para alguém, ou tomar em locação. Os distintos sentidos que o verbo *alugar* pode receber derivam da relação de co-composição dos elementos da sentença, não de traços inerentes ao item lexical.

Por isso, independente de *alugar* ter inicialmente mais de um sentido, devido à proximidade de outros elementos na sentença, seu aparente duplo-sentido se desmancha, sendo-nos autorizada apenas uma leitura. A interpretação não depende unicamente do verbo, mas da relação existente entre este e

os demais itens dessa frase. O verbo *alugar* ainda pode ganhar diferentes sentidos, dependendo dos elementos que a acompanhem: *João me alugou a manhã inteira*. Neste caso, a palavra *alugar* pode ser lida como ocupar o tempo, e não mais referente ao fato de ceder ou tomar algo em locação.

Por outro lado, **O elefante alugou a casa* torna-se problemática pelo fato do verbo *alugar* exigir um sujeito agente e humano, o que torna inviável a interpretação de tal sentença, que unicamente teria sentido se o termo *elefante* se referisse ao apelido de uma pessoa. Foi o mesmo que aconteceu com (16c) e (16d), logo acima: os verbos *simpatizar* e *amar* possuem traços semânticos que não podem ser compartilhados com Operadores Aspectuais de tempo futuro se conjugados no presente, por isso, mesmo sintaticamente não havendo problema algum, semanticamente as frases são agramaticais, ou seja, não houve co-composição dos elementos da sentença, ambos os elementos se tornaram incompatíveis.

Tempo e aspecto

Em termos gerais, o aspecto se diferencia do tempo por não se limitar à gramaticalidade da flexão verbal e





poder ter seu sentido alterado pela organização do conjunto de itens lexicais dentro do sintagma.

O Tempo é concebido como uma ordenação linear de unidades temporais atômicas (instantes) ou densas (intervalos) que se podem suceder ou sobrepor, já o Aspecto permite olhar para sua estrutura interna perspectivando as situações a partir do seu interior, sendo portanto subatômico. (MATEUS, 1997, p. 129).

O aspecto é uma categoria léxico-sintática, pois se caracteriza naturalmente pela interação entre os sentidos oriundos da raiz dos verbos e dos sentidos extraídos dos demais elementos sintáticos, como adjuntos, complementos e orações. Naturalmente, podemos dizer que a leitura aspectual não é uma característica intrínseca do verbo, mas das relações que este alimenta com os demais itens do predicado. Conforme nos diz Castilho:

*O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo. Esta definição, baseada na observação dos fatos, atende à realidade etimológica da palavra "aspecto" (que encerra a raiz * spek = "ver") e insiste*

na objetividade característica da noção aspectual, a que contrapomos a subjetividade da noção temporal. (CASTILHO, 1968, p. 14, *itálico nosso*).

Dessa forma, podemos explicar a leitura aspectual permitida com verbos no presente, mas com Operador Aspectual de futuro, pois o aspecto é resultado da relação entre o processo realizado pelo o verbo e os demais itens do predicado. Ou seja, as possíveis leituras aspectuais de uma sentença intermediadas pelos Operadores Aspectuais são permitidas pelo processo de co-composicionalidade que preserva a relação de cooperação entre todos os itens lexicais da enumeração.

A estrutura do léxico e a leitura aspectual

Utilizando os princípios teóricos do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1998), analisamos a co-composicionalidade dos elementos do predicado que autorizam uma leitura de futuro, mesmo com verbos no presente.

Partindo do pressuposto de que cada item lexical tem conferido seu sentido apenas no momento em que entra na numeração e dependendo dos elementos que o



acompanham, apontamos como o Operador Aspectual de futuro se combina com os demais itens do predicado para autorizarem a leitura semântica. Para isso, propomos uma representação lógica que dê conta de

explicar as possíveis leituras de futuro de um predicado no PB, mesmo que este porte um verbo no presente, bem como esclarecer porque algumas construções não são possíveis em nossa língua.

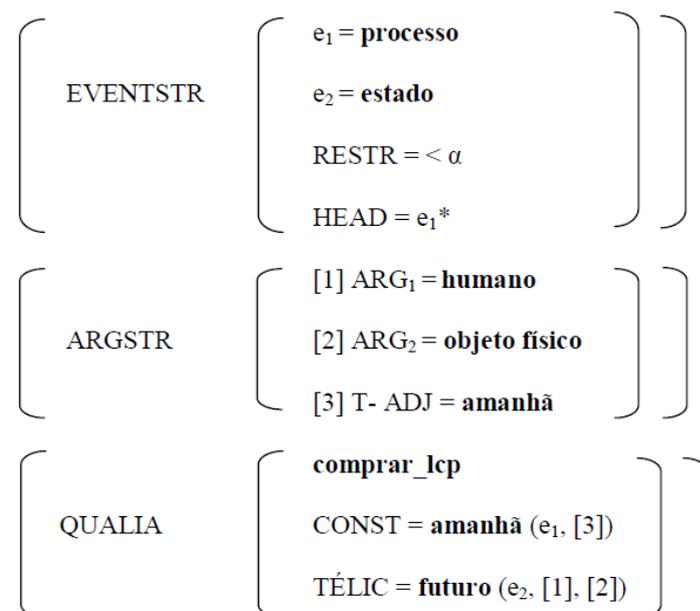
Evento de processo

Acreditamos que, em sentenças do tipo *João compra um carro amanhã*, a entrada do item lexical *amanhã* interfere inclusivamente na carga semântica do verbo *comprar*, que mesmo aparecendo conjugado no presente, autoriza uma leitura de tempo futuro.

principalmente, a partir da estrutura de eventos – uma vez que o verbo tenha o evento definido. A estrutura de evento de cada verbo, dependendo da presença dos demais elementos na sentença, pode ter seus subeventos modificados a fim de autorizar a leitura aspectual ou não. Vejamos a estrutura lexical da sentença *João compra um carro amanhã*

No caso dos advérbios, a co-composição vai se realizar,

17)



Esquema 8 - Estrutura lexical da sentença João compra um carro amanhã.





A representação mostra, na organização estrutural, como é possível uma leitura aspectual de futuro, a partir de adjunto de tempo, mesmo com a presença de um verbo no presente.

Na primeira parte, na estrutura de evento, temos em e_1 o processo da compra de um carro por parte de João, que é o núcleo HEAD do evento, restringindo a **exhaustive ordered part of**, em e_2 , o estado resultante dessa compra.

Na segunda parte do esquema, na estrutura argumental, temos como argumentos verdadeiros ARG₁, um agente humano, que neste caso é João, o qual realiza a ação de comprar o carro, e ARG₂, o objeto físico *carro*, que sofre a ação da compra. Todos modificados pelo verdadeiro adjunto *amanhã*, que localiza o momento da ação em um tempo futuro.

Mas é na estrutura *Qualia* que fica evidente como toda a sentença se modifica a partir da entrada do Operador Aspectual e o modo como *amanhã* interage com os demais itens da numeração alterando o sentido. O *quale* constitutivo *amanhã*, que se repete na estrutura argumental, está se relacionando com o núcleo do evento, o processo e_1 , modificando, dessa forma, o evento de estado e_2 resultante desse

processo, o que conseqüentemente altera a leitura de toda a sentença para um momento futuro, que se torna evidente no *quale* télico, uma vez que este se conecta com o processo geral da ação e_1 e com os argumentos verdadeiros ARG₁ e ARG₂.

Assim, queremos mais uma vez chamar a atenção para a estrutura de eventos, observando que um dos seus subeventos é um processo, sendo justamente este modificado pela presença do Operador Aspectual *amanhã*, conforme pudemos verificar na estrutura *Qualia*, pois é no *quale* constitutivo que acontece essa modificação aspectual, no momento em que o advérbio modifica o processo do evento e , conseqüentemente, o estado resultante.

A partir do princípio de co-composicionalidade, o complemento pode afetar o sentido do verbo, de modo que é permitido ao *quale* formal do adjunto tornar-se o *quale* formal de toda a sentença ao aceitar um *quale* télico de futuro. Esse primeiro esquema representa a configuração semântica de uma relação aspectual baseada na sistematização de eventos de Pustejovsky < α – **exhaustive ordered part of**, uma estrutura de dois subeventos (processo e estado), sendo





que o primeiro antecede o segundo. É justamente o que acontece com (18).

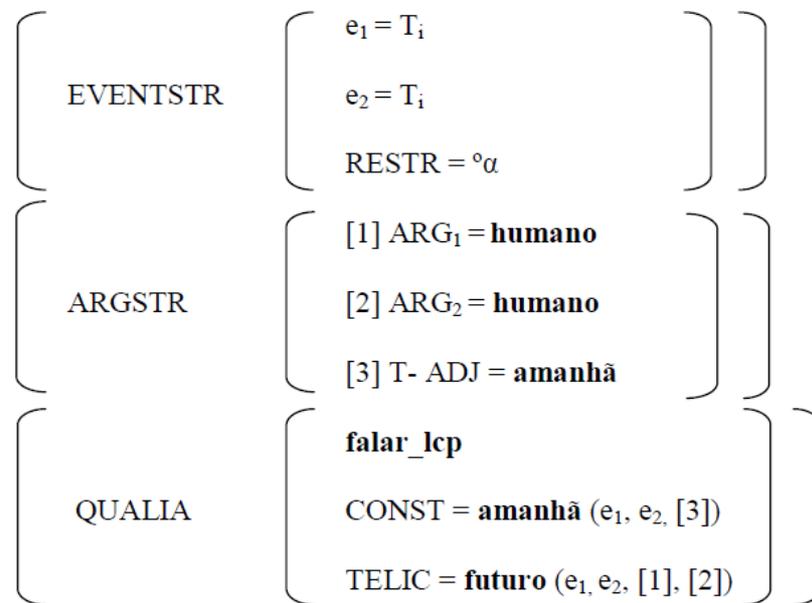
Se observarmos essa relação aspectual a partir da estrutura de eventos, podemos ter algumas explicações dos porquês dessa

possibilidade aspectual no PB.

Vejamos como se organizam as informações semânticas de uma sentença numa estrutura lexical que representa um sistema de subeventos ${}^{\circ}\alpha$ – *exhaustive overlap part of*:

18)

- a) Falo com você amanhã.
- b)



Esquema 9 - Estrutura lexical da sentença Falo com você amanhã.

Observando inicialmente a estrutura de eventos, vemos os eventos e_1 e e_2 serem representados por T_i Transição, uma vez que o processo de falar e o estado que resulta deste são simultâneos, não havendo uma ordem (*ordered*) de eventos que se sucedem ou se antecedem, embora seja evidente que

nessa T_i há um processo e um estado.

Quando essa informação de evento chega ao *quale* constitutivo, ele atua modificando o processo de evento, por isto, estão representados no constitutivo os eventos e_1 e e_2 , que não podem ser subdivididos entre processo e estado por ocorrerem simultaneamente. Então, essa





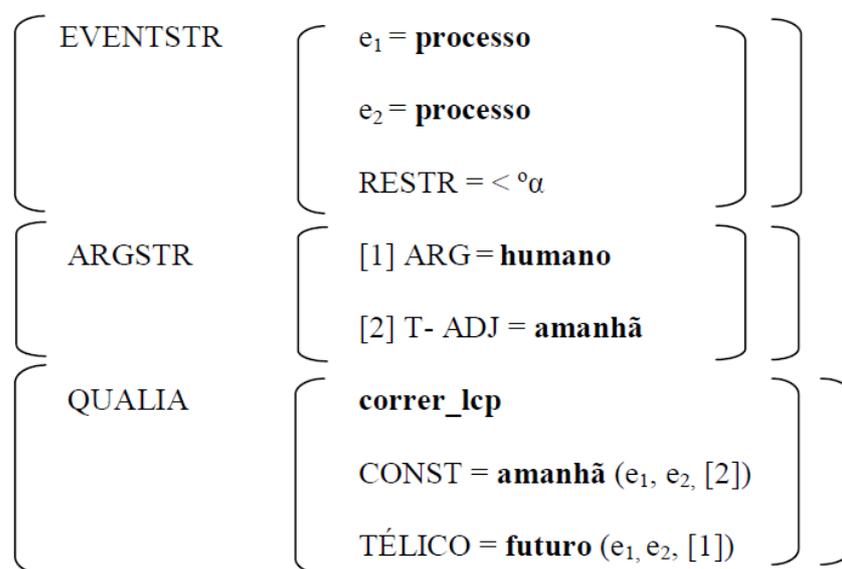
modificação aspectual que ocorre com o processo da ação, automaticamente, também modifica o estado resultado.

Vejam também outra realização de evento que se realiza a partir apenas de processos e como esta pode permitir uma leitura aspectual em função do futuro. Em (19b), que representa a estrutura lexical de (19a), podemos ver como

os eventos realizados são apenas processos, isto é, os eventos realizados pelo verbo *correr* nessa sentença revelam a existência de dois subeventos, sendo ambos processos. Podemos dizer que o processo de correr exige o processo de movimento das pernas antes de todo o corpo e por outro lado, não podemos extrair daí um estado resultante desse processo.

19)

- a) João corre amanhã.
b)



Esquema 10 - Estrutura lexical

Nesse contexto, trata-se de um verbo que contém apenas processo. E, como já foi visto nos esquemas anteriores, é justamente no processo que se realiza a modificação

aspectual do advérbio. Isso nos leva a prever que este é um tipo de verbo que aceita uma co-composição com o advérbio *amanhã*, autorizando uma leitura de futuro de toda a sentença.





Quando chegamos ao constitutivo da estrutura *Qualia*, podemos claramente observar como o advérbio *amanhã* atua junto aos processos e_1 e e_2 , possibilitando a leitura de futuro no *quale* télico. Isto é, na estrutura de subeventos $\langle \alpha - \text{exhaustive ordered overlap} \rangle$ também pode se realizar a leitura aspectual em função do futuro.

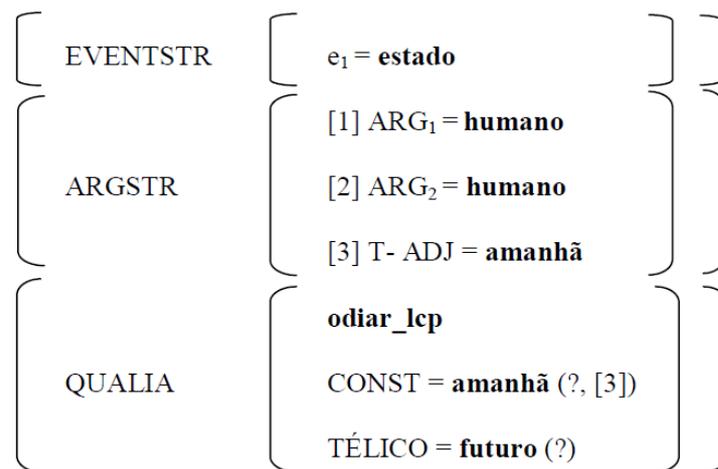
Desde o início da análise, pudemos constatar que alguns verbos não permitiam uma leitura aspectual, como os do tipo odiar, desejar, fracassar, etc.. Diante disto, começamos a criar hipóteses que

pudessem explicar por que alguns verbos permitem e outros não, pois, conforme já foi visto até agora, independente da telicidade, do tipo de verbo, se incoativo, causativo, inacusativo, e assim por diante, a leitura aspectual pode se realizar.

Foi quando percebemos que a informação de tempo que se realiza no *quale* formal deriva das relações de eventos realizados na estrutura de eventos. Isto é, se na primeira estrutura não houver apenas um evento de processo, a informação aspectual não se realiza na *Qualia*. Vejamos como isso (não) acontece:

20)

- a) *João te odeia amanhã.
- b)



Esquema 11 - Estrutura lexical da sentença *João te odeia amanhã.

O verbo odiar carrega em sua estrutura de evento apenas a informação de estado, uma vez que não se necessita de nenhum

processo para odiar, e, diferentemente das demais estruturas aqui analisadas, ele não tem subeventos.





O fato de esse verbo autorizar apenas o evento de estado interfere diretamente na possibilidade de co-composição com os outros elementos da numeração, pois, quando a informação chega ao constitutivo *quale*, não há interpretação, o que automaticamente inviabiliza a leitura aspectual no *quale* télico, como pode ser visto acima, o que impossibilita também a representação esquemática desse evento.

Ou seja, fica evidente que a co-composição entre o verbo e os demais elementos da numeração, que permite a leitura aspectual, necessita de um processo na estrutura de evento, pois é a partir dele que a leitura de futuro deve chegar à estrutura *Qualia*. Por isto, na estrutura representada acima, temos apenas uma (?) no *quale* constitutivo, uma vez que a modificação do Operador Aspectual não se realizou por não haver ali um processo, o que conseqüentemente inviabilizou a leitura de futuro no *quale* télico.

Dessa forma, também podemos explicar o fato de alguns verbos, dependendo do contexto de

produção, aceitarem ou não uma leitura aspectual. É o que acontece, por exemplo, com o verbo *amar*, quando lido como atividade sexual, permitindo a realização de frases como *Eu te amo amanhã*. Nesse caso, teremos, sim, a realização de um processo dentro da estrutura de evento desse verbo, que, dependendo da situação de uso, pode assumir outros sentidos.

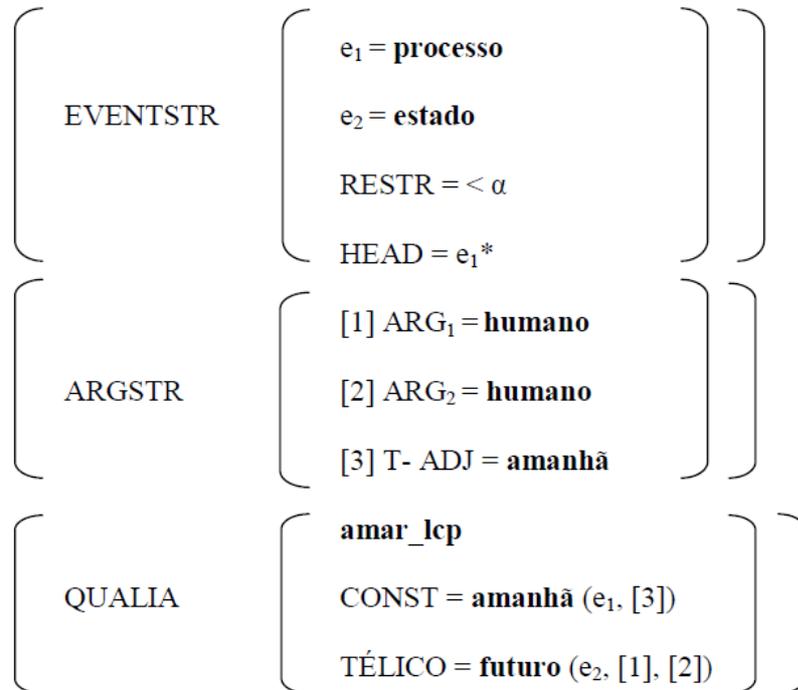
Vemos em (21), com a realização estrutural de uma sentença com o verbo *amar*, que a leitura aspectual se tornou possível especificamente porque a estrutura de evento foi alterada para receber um processo, o que restringe a leitura de evento ao $\langle \alpha \text{ – exhaustive ordered part of} \rangle$ e permite que a informação seja interpretada na estrutura *quale*. Podemos assim perceber que os resultados semânticos das numerações decorrem de um processamento computacional dos termos desta mesma numeração no sentido da co-composicionalidade, na qual a entrada de cada item lexical interfere na presença dos demais itens, possibilitando leituras polissêmicas, contextuais ou aspectuais.



21)

a) Eu te amo amanhã.

b)



Esquema 12- Estrutura lexical da sentença *Eu te amo amanhã.

Isso faz com que, que pertença o item lexical, ele se co-componha com os demais elementos da sentença, autorizando assim a interpretação semântica apenas no momento em que este entra na numeração, não havendo sentidos nucleares das palavras, mas sentidos que são ativados a partir do confronto de itens na numeração.

Ausência de evento e evento de estado

Algumas frases que realizam apenas estado, ou mesmo que não

têm evento, permitem uma leitura aspectual de futuro mesmo com verbo no presente, constituindo assim alguns problemas que tentamos resolver: como explicar o fato de sentenças sem evento verbal, como *Há aula amanhã*, serem realizáveis, ou mesmo que sentenças com verbos estativos acompanhados de adjuntos locativos também permitam tal leitura.

Sentenças portadoras de verbo que não têm evento, quando acompanhados de argumentos verdadeiros que carreguem a informação processual, terão como núcleo da *Qualia* o próprio argumento



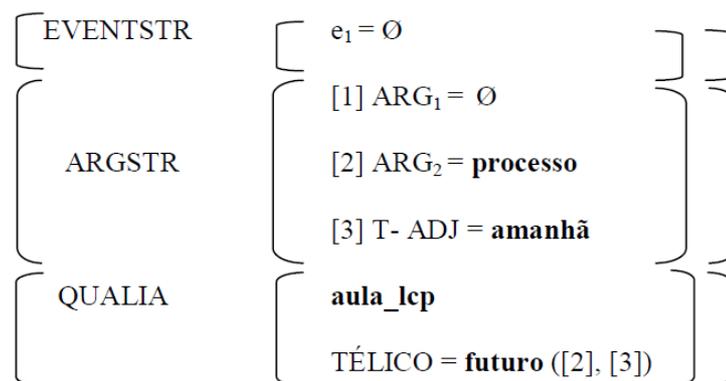


e não mais um verbo, como vimos nos exemplos utilizados até o momento. Ou seja, como não há um verbo que marque o evento, o processo significado a partir do substantivo argumento fornece as informações necessárias para serem interpretadas na *Qualia*. Vejamos:

22)

a) Há aula amanhã.

b)



Esquema 13 - Estrutura lexical

A estrutura de evento, como dito anteriormente, em sentenças que tenham verbo sem evento e argumentos que expressem processo, não se realizará, podendo estar ausente da representação ou, como preferimos, ser marcar com um sinal de vazio ∅. Dessa forma, toda a alteração aspectual se realizará nas estruturas de argumento e *Qualia*.

Observemos que no ARG₂, quando vamos definir a propriedade do argumento externo, temos um processo como definição, pois *aula*, por si só, já realiza um processo.

Na estrutura *Qualia*, como não temos um verbo de evento, o núcleo da *Qualia* será *aula*. Por este motivo,

a estrutura *Qualia* está representada apenas pelo *quale* télico, pois é ele que vai marcar a noção de futuro, que se realiza no ARG₂ e T-ADJ. Não temos, portanto, a representação do constitutivo uma vez que não temos verbo eventivo. Por outro lado, situações como *Estou em casa amanhã* ou *Permaneço aqui amanhã*, parecem sugerir uma exceção à regra, pois realizam um evento de estado, mas permitem uma leitura aspectual de futuro. Atemo-nos a uma proposta de solução a esse problema para explicar porque situações como estas são possíveis.

Acreditamos que a resposta está na estrutura *Qualia*. Se



lembrarmos a definição de Pustejovsky, vemos que este estabelece quatro elementos na estrutura *quale*: formal, agentivo, constitutivo e télico. Cada um responsável por uma parcela de informação do léxico. No entanto, todas as construções que tínhamos analisado utilizavam no máximo dois *quales*. O que acontece dentro da *Qualia* é que cada *quale* fornece uma informação para o *quale* seguinte até chegar ao télico que é responsável pela leitura final. Se houver algum tipo de problema com os *quales*

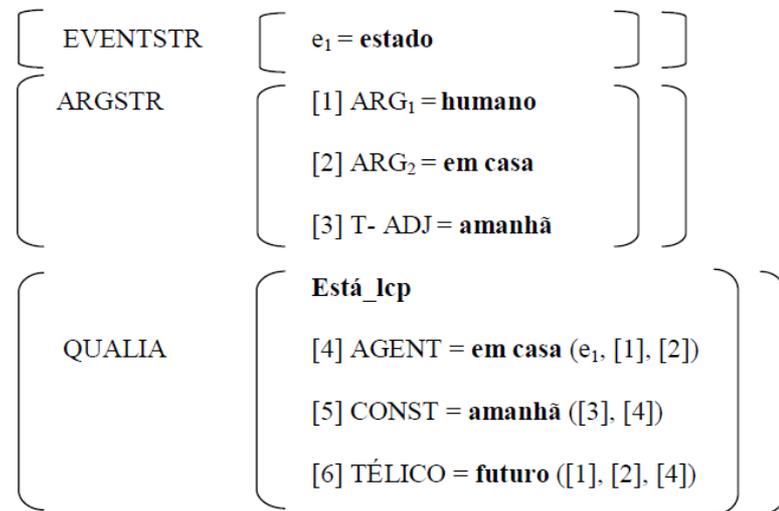
anteriores, a leitura não se realiza no *quale* télico.

Então, o adjunto adverbial de lugar – que acreditamos ser o responsável por permitir essa alteração aspectual – se realiza no *quale* agentivo, fornecendo as informações necessárias para serem interpretadas pelo *quale* constitutivo, autorizando, dessa forma, a leitura aspectual de futuro.

Observando a estrutura lexical, deve ficar mais fácil perceber esse relacionamento de informações que acontece na numeração:

23)

- a) Maria está em casa amanhã.
- b)



Esquema 14 - Esquema lexical da sentença Maria está em casa amanhã.

É interessante observarmos na estrutura argumental que altera o sentido da estada de Maria

em casa, ao modificar o ARG₂. Quando chegamos à estrutura *Qualia* do verbo *estar*, vemos que o evento





de estado e_1 é compreendido e modificado pelo agentivo *quale* que funciona localizando o estado do evento.

A partir de então, a informação interpretada pela *quale* agentivo migra para o constitutivo *quale* responsável pela interpretação de evento processual. Como, neste caso, não temos a informação processual, o que vai chegar até ele é o resultado do *quale* agentivo. Ou seja, o *quale* constitutivo recebe a informação derivada do *quale* agentivo modificando então sua leitura temporal. Vejamos que no *quale* constitutivo há o processamento das informações oriundas do *quale* agentivo [4] e do próprio advérbio [3]. É a partir de então que a informação desce ao *quale* télico autorizando a leitura aspectual.

Esse esquema funciona com verbos locativos e inacusativos seguidos de adjuntos adverbiais de lugar. Isso explica porque verbos do tipo *morar*, que inicialmente não permitem leitura de futuro se estiverem conjugados no presente – por encerrar apenas um estado –, autorizam-na se surgirem intercalados por adjunto de lugar, como *Se Deus quiser, próximo ano moro aqui*.

Conclusão

Dessa forma, mostramos a relação direta existente entre a leitura aspectual de futuro e o evento realizado pelo verbo no interior da sentença. Vimos que, de uma forma geral, o verbo tem que realizar um evento de processo para permitir a presença de um Operador Aspectual que modifique a leitura de tempo de toda a numeração. Embora alguns casos, os quais não realizam evento, possam realizar a mesma leitura aspectual, se a estrutura de argumento carregar nuclearmente a noção de processo, pois desse modo é a estrutura de argumento que fornece as informações necessárias para o processamento de sentido na estrutura *Qualia*.

No caso dessa leitura aspectual ser possível mesmo quando se tem um verbo estativo, a leitura se realizará em PB, desde que tenha como argumento interno um locativo, que será representado na estrutura *Qualia* como agentivo e, a partir de então, modificado pelo *quale* constitutivo a fim de ter seu sentido validado. Não havendo, nesta ocorrência específica, a necessidade de se ter a realização de um processo no interior da numeração.



Desse modo, explicamos perspectiva do léxico gerativo não como se comportam o verbo e os se dá apenas na entrada do item demais itens da numeração para lexical, mas como cada um desses permitirem uma leitura aspectual de itens da numeração de co-compõem futuro quando temos um verbo no de modo a autorizarem ou não, presente e um Operador Aspectual dependendo de suas de futuro. Afinal de contas, a particularidades semânticas, a produção de sentidos, numa construção de sentidos.

ASPECTUAL OPERATORS AND INTERPRETATION OF PREDICATE

Abstract

The object of study of this essay is the predicate which allows temporal interpretation of the future through time adverbial adjuncts, which act how Aspectual Operators, even when they have verbs in the present tense. We adopt the theoretical assumptions of the Generative Grammar in a syntactic-semantic interface of the lexicon to analyze the structural contexts in which sentences in the present tense allow an interpretation aspectual of future. We use the hypothetical-deductive method, from data of introspection, to show that this reading of the aspectual predicate is possible dependently the type of verb. The verbs and Aspectual Operators work together to perform the senses of predicate, thus enabling, a co-composition of lexical items in lexicon that seeks to explain how each element of the sentence behaves in order to allow the interpretation of the predicate, and also show why in a few sentences that aspectual reading is not allowed.

Keywords: Aspectual Operators, Semantics, Syntax.

Artigo submetido para publicação em: 04-02-2014

Aceito em: 24-07-2014





REFERÊNCIAS:

CASTILHO, A. (1969) Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. In: **Coleção de teses**. nº 6. São Paulo: Marília.

FARIAS, J. G. **Aspectos da sintaxe de preposições no português**. 2005. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

FERRAZ, M. N. T. (2013) **Polissemia, metonímia ou extensão de sentido**: um estudo da metonímia em diferentes perspectivas da semântica. *ReVEL*, v. 11, n. 20. Disponível em <www.revel.inf.br> Acessado em 03 jun. 2014..

MORAES, H. R. (2002) **Categorias Aspectuais**: Vendler, Dik, Chafe e Pustejovsky. 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP.

OLIVEIRA, F. (1997) Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho.

PUSTEJOVSKY, J. (1998) **The gerative lexicon**. London: Cambridge, The MIT Press.

SONG, Z.; ZHAO, Q. (2013) Qualia relations in metaphorical noun-nou compounds. In: 6TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON GENERATIVE APPROACHES TO THE LEXICON: Generative Lexicon and Distributional Semantics. Pisa, Itália. **Anais**. Disponível em <<http://portal.aclweb.org>> acessado em 03 jun. de 2014.

ZAVAGLIA C.; ALMEIDA G. M. B. (2010) **Do termo à estruturação semântica: representação ontológica do domínio da Nanociência e Nanotecnologia utilizando a Estrutura Qualia**. *Revista Lingamática*. V. 2, N, P. 43–58. Disponível em < <http://linguamatica.com>> Acessado em 03 jun. 2014.